

Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE  
JOAQUIM VENÂNCIO

Rafaela Gomes Silva

AYAHUASCA E PSILOCIBINA: entre preconceitos e benefícios para o  
Sistema Nervoso Central (SNC)

Rio de Janeiro

2021

Rafaela Gomes Silva

AYAHUASCA E PSILOCIBINA: entre preconceitos e benefícios para o Sistema Nervoso Central (SNC)

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio - Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV/Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico de nível médio em saúde com habilitação em Biotecnologia.

Orientador: Flávio Henrique Marcolino da Paixão.

Coorientador: Marcello de Moura Coutinho.

Rio de Janeiro

2021

*Dedico esse trabalho  
aos meus pais, Cleide e Renato;  
a minha irmã, Tayná;  
a todos que sofrem com transtornos psicológicos.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à Deus, que esteve comigo durante toda a trajetória, à minha família por sempre estar ao meu lado, aos meus amigos por sempre me apoiar e dar força, aos meus orientadores, que foram essenciais para que eu concluísse essa etapa, à minha banca de qualificação e defesa pelas ótimas sugestões e à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-FIOCRUZ) pelo apoio institucional.

*“A religião é o suspiro da criança  
acabrunhada, o coração de um mundo sem  
coração, assim como também o espírito de  
uma época sem espírito. Ela é o ópio do  
povo.”*

*(Karl Marx).*

## **RESUMO**

O presente trabalho trata do uso da ayahuasca e da psilocibina, enteógenos utilizados por diversos povos e grupos religiosos há muitos anos. Trata-se, mais especificamente dos benefícios e dos seus efeitos fisiológicos no sistema nervoso central (SNC), tendo como base, pesquisas e estudos realizados nessa área. Apresenta-se também, um breve histórico dessas substâncias, bem como é problematizada a forma preconceituosa como são percebidas pela sociedade de modo geral. Pretende-se contribuir para o estabelecimento de uma nova perspectiva social acerca das referidas substâncias enteógenas. Para tanto, entende-se ser necessário haver o reconhecimento do grande potencial que possuem no campo cultural e medicinal.

Palavras-chave: Ayahuasca. Psilocibina. DMT. Preconceito. Xamanismo. Toxicologia. Depressão.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Planta arbustiva <i>Psychotria viridis</i> .....	10
Figura 2 – Cipó <i>Banisteriopsis caapie</i> .....	11
Figura 3 – O chá da <i>ayahuasca</i> .....	12
Figura 4 – A substância Psilocibina .....	16
Figura 5 – Cogumelo da espécie <i>Psilocybe cubensis</i> .....	16
Figura 6 – A substância Dimeltilriptamina (DMT).....	24
Figura 7 – Sistema Límbico.....	31

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>CAPÍTULO I – HISTÓRICO E PRECONCEITO</b> .....	10
CRIMINALIZAÇÃO E PRECONCEITO ACERCA DAS SUBSTÂNCIAS ENTEÓGENAS .	17
<b>CAPÍTULO II – EFEITOS E BENEFÍCIOS NO SISTEMA NERVOSO CENTRAL</b> <b>(SNC)</b> .....	24
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	34
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	37

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretendeu compreender os efeitos fisiológicos da *ayahuasca* e da psilocibina no organismo humano e na sociedade. Para tanto, foi realizado um breve histórico destas duas substâncias e a forma como elas estão inseridas em algumas culturas, principalmente indígenas, e grupos religiosos, tais como: Santo Daime, Barquinha e União do Vegetal.

Percebeu-se, portanto, que estão muito inseridas no referido contexto religioso e ritualístico, propiciando assim, uma conexão com o que essas pessoas entendem como “sagrado”.

Tratou-se também, da relação desses psicoativos com o preconceito e criminalização sobre a sua utilização, trazendo perspectivas proibicionistas contemporâneas sobre substâncias alucinógenas. Assim como, somar esforços no combate à visão preconceituosa e estigmatizante, a respeito destas substâncias. Nesse sentido, a seguir foi feita uma reflexão acerca de questões sociobiológicas centrais para o estudo.

Entende-se que o presente estudo poderá contribuir para uma melhor compreensão dos benefícios da utilização religiosa e terapêutica da *ayahuasca* e da psilocibina. Pretendeu-se analisar os efeitos das duas substâncias, em relação ao que os usuários buscam e o que pode ocorrer, tendo em mente que as experiências são particulares a cada indivíduo, trazendo uma perspectiva sobre a toxicologia de cada uma.

Isto porque, como afirma Couto (2017), a investigação no campo dos alucinógenos estagnou em razão de motivos mais sociopolíticos, do que científicos, sendo que a restrição se deu mediante iniciativas governamentais. Esta autora afirma ainda que,

[...] estas medidas foram influenciadas pelos meios de comunicação, que propagandearam e amplificaram a perigosidade destas substâncias, de uma forma mais mediática do que médica. Efetivamente, estes e outros episódios marcaram a estagnação na investigação clínica nesta área, atrasando temporariamente o avanço da Ciência (COUTO, 2017, p.6-7).

Com efeito, foram analisados os seus benefícios para o tratamento de doenças do Sistema Nervoso Central (SNC), tendo em vista as problemáticas vivenciadas pela humanidade, principalmente em relação a transtornos psicológicos, no que diz respeito às aplicações em tratamentos alternativos desses psicoativos.

Do ponto de vista metodológico, o trabalho está baseado na abordagem qualitativa, sendo que em seu desenvolvimento foi elaborada uma breve historização do consumo da *ayahuasca* e psilocibina e, a problematização do preconceito social, em virtude de sua utilização. Pretendeu-se analisar os benefícios dessas substâncias para o tratamento de doenças do Sistema Nervoso Central.

Portanto, o estudo articulou principalmente, conhecimentos da Biologia, Psicologia, Medicina, Psiquiatria, Antropologia e Sociologia e, adotou como procedimentos metodológicos, levantamento bibliográfico nas bases de dados Scielo, BVS e Google Acadêmico, tendo como referência os seguintes descritores – *ayahuasca*, psilocibina, substâncias enteógenas, potencial neurogênico e saúde mental; consulta a *sites* e *blogs* de grupos religiosos ayahuasqueiros e grupos indígenas vinculados ao “turismo xamânico”.

Realizou-se ainda, a leitura de publicações técnicas e jornalísticas acerca dos assuntos correlatos, bem como os documentários que serviram de subsídio para uma melhor compreensão do tema escolhido.

A estrutura da monografia parte da **Introdução**, na qual é apresentada a perspectiva central do estudo, bem como os seus procedimentos metodológicos. O **Capítulo I – Histórico e Preconceito**, traz o histórico supracitado, relacionando-o com a criminalização e preconceito acerca das substâncias enteógenas. No **Capítulo II - Efeitos e Benefícios no Sistema Nervoso Central (SNC)**, são trazidos os efeitos com base na toxicologia e, os benefícios para o SNC.

As **Considerações Finais** trazem brevemente o processo de escrita do estudo, com as mudanças de abordagem desde o pré-projeto, e os aprendizados gerados por essa produção de monografia. Retomam questões fundamentais para o trabalho, procurando apontar contribuições para futuros estudos a respeito da *ayahuasca* e psilocibina que possam estabelecer diálogos no âmbito acadêmico e no conjunto da sociedade.

Por fim, nas **Referências** são listadas as publicações e demais produções que deram suporte teórico-conceitual ao presente trabalho.

## CAPÍTULO I – HISTÓRICO E PRECONCEITO

A bebida usada religiosamente conhecida como *ayahuasca*, pode ser definida como um chá (CARNEIRO, [s.d.]), feito a partir da infusão<sup>1</sup> de duas plantas, as folhas da planta arbustiva *Psychotria viridis* (Figura 1); e a casca e tronco do cipó *Banisteriopsis caapie* (Figura 2), podendo conter outras espécies dependendo do efeito desejado (ASSIS; RODRIGUES, 2018; DE SOUZA, 2011).



Figura 1- Planta arbustiva

Fonte: M. Arelius, 2019

Segundo, Labate e Araújo (2012), para as culturas indígenas, as visões causadas pelas plantas seriam consideradas “verdades absolutas”, isto é, a “verdade”. Com efeito, nestas culturas, a vida cotidiana seria uma “ilusão” ou um período transitório. Continuando a sua reflexão, os autores apontam que a *ayahuasca*, para as tribos indígenas, seria a ferramenta para a compreensão da natureza (“Deus” e “vida”), servindo para indicar a identidade social e a autonomia da tribo. Isto porque, a bebida é considerada instrumento de acesso ao “mundo espiritual”.

---

<sup>1</sup> Processo no qual os componentes de uma bebida são imersos em água, podendo estar em diferentes temperaturas.



Figura 2 - Cipó

Fonte: Jornal Grande Bahia, 2015

Sendo assim, a *ayahuasca*, enquanto chá ou tecnologia xamânica é chamada de diversas formas, conforme a cultura ou grupo religioso pela qual é utilizada. Contudo, essa designação é apenas uma denominação genérica, consagrada na academia. A bebida é também conhecida como *yagé* pelos Siona, *caapi* pelos Baniwa, *kamarãpi* entre os Ashaninka<sup>2</sup>, *Kamalãpi* junto aos Manchineri, *nixi pae* no meio Kaxinawá<sup>3</sup>, *uni* entre o povo Yawanawa, mas também de “Vegetal”, “hoasca”, “cipó dos mortos”, “trepadeira das almas”, entre outras denominações (ASSIS; RODRIGUES, 2018).

Vale ressaltar, que o consumo da *ayahuasca* possibilitaria a percepção da igualdade entre os seres (LABATE e ARAÚJO, 2002; MACRAE, 1992).

Não obstante, o chá da *ayahuasca* (Figura 3) tem uma origem relacionada aos indígenas da região amazônica, sendo utilizado por diversos povos tradicionais e grupos religiosos, muitos dos quais, no Brasil. De acordo com Goulart (2019), esses grupos religiosos:

[...] se caracterizam pelo consumo cerimonial de uma bebida psicoativa largamente conhecida pela designação quéchua *ayahuasca*, e que, [...] é denominada de Daime e Vegetal. Conforme este fenômeno foi alcançando maior projeção, passou

<sup>2</sup> De acordo com Labate e Araújo (2012), para os Ashaninka, a *ayahuasca* significa virtude religiosa e moral, sendo seu uso ligado a um dever, cuja principal característica seria a eternidade.

<sup>3</sup> Exemplifica-se o caso dos Kaxinawá, para os quais a natureza possui alma, vontade e ordem própria, o que revelaria que o espírito da mesma é uma energia vital, responsável por todo o fenômeno vivo em quaisquer lugares do planeta (LABATE e ARAÚJO, 2002).

a ser relacionado ao debate sobre drogas e abordado no Estado brasileiro a partir desta relação. [...]. Entretanto, um fato que chama a atenção sobre estas religiões é como elas constroem uma imagem pública que, ao longo do tempo, permite a sua desvinculação do tema das drogas na sociedade contemporânea. [...] Além disso, a legitimação destes grupos como religião foi conquistada conforme esta bebida passou a ser classificada por estudiosos, formadores de opinião e agentes do Estado brasileiro como um elemento religioso e não mais uma droga alucinógena (GOULART, 2019, p.200-201).

Costa et al. (2005, p.311) chamam a atenção para esse aspecto da legitimação destes grupos como religião, o que levou a bebida a ser vista, não apenas como uma droga alucinógena. Nesse sentido, “o uso – inicialmente restrito aos povos indígenas – passou a ser incorporado pelas civilizações e vilarejos da Amazônia Ocidental” (COSTA et al, 2005). Surgiu então, o chamado “vegetalismo”, conhecida como uma medicina popular das civilizações rurais do Peru e Colômbia, a qual mantém resquícios acerca de plantas, absorvidos das tribos indígenas, tendo recebido influências do esoterismo europeu dos colonizadores. Estes autores afirmam ainda, que apenas no Brasil, há religiões não-indígenas que utilizam a *ayahuasca*.

Com efeito, o primeiro grupo religioso e com maior reconhecimento é o Santo Daime<sup>4</sup>, criada por Raimundo Irineu Serra no Acre, após o mesmo vivenciar diversas experiências individuais e coletivas com a bebida (LAVAZZA, 2015).



Figura 3 – O chá da ayahuasca

Fonte: Super Abril, 2019.

<sup>4</sup> Conforme Labate e Araújo (2012), de forma geral, as mulheres daimista têm seus filhos em casa, sendo aconselhadas a tomarem o Daime. Além disso, os recém-nascidos recebem uma gota de Daime em sua boca, podendo continuar a recebê-lo ao longo da vida, de acordo com a decisão dos pais.

De acordo com Costa et al. (2005), no âmbito do Santo Daime, o ritual de preparação do chá é realizado na última lua nova do mês, caindo em um final de semana, quando então é realizada a limpeza das plantas e preparada a infusão, tendo como base essas plantas. Assim, é iniciado o cozimento da folha e do cipó em camadas alternadas, indo ao fogo três vezes, para representar, o firmamento do sol, lua e estrela.

Outro grupo religioso de grande importância é a Barquinha, tendo convergência com ideais cristãos e de crenças afro-brasileiras. Foi criada por Daniel Pereira de Mattos no Acre, após o mesmo, realizar experiências com a *ayahuasca* conduzidas por Mestre Irineu<sup>5</sup> (MERCANTE, 2009) e, por último, também cabe destaque à União do Vegetal (UDV), criada por José Gabriel da Costa em Rondônia, após vivenciar rituais com a bebida (MELO, 2011).

Para Labate e Araújo (2012), uma das características mais marcantes da Barquinha é a de que os seus símbolos estão vinculados ao mar. Dessa maneira, a barca e os seus integrantes têm dois significados, sendo o primeiro o de que representa a missão deixada por seu criador (marinheiro, filho de escravos) e, o segundo expressa a viagem de cada um pelo mar, o que representaria a viagem/passagem do ser humano pela vida.

Com relação à UDV, Labigaline (1998) colocam que os usuários experientes teriam muito cuidado na seleção de pessoas e local onde é realizado o ritual<sup>6</sup>. Assim, na presença de pessoas iniciantes ou pouco conhecidas pelo grupo, esses devem estar acompanhados de um usuário experiente, sendo que de forma geral, é realizada uma preleção coletiva com a finalidade de atenuar ao máximo, a possibilidade de surgimento de reações adversas, bem como para a proteção da experiência do grupo.

Para Goulart (2019), a fundação da UDV e da Barquinha teria se dado num mesmo contexto social e geográfico, envolvendo uma a recorrência de um conjunto de tradições culturais similares. Seus fundadores então,

[...] eram oriundos do nordeste do país e migraram para a Amazônia em períodos diferentes do ciclo econômico de exploração da borracha. As novas religiões por eles organizadas, portanto, estão relacionadas a esse encontro entre as tradições de migrantes nordestinos e a cultura da floresta (GOULART, 2019, p.202).

<sup>5</sup> Nome pelo qual Raimundo Irineu Serra era conhecido no meio daimista (MERCANTE, 2009).

<sup>6</sup> Segundo Labigaline (1998), caso uma pessoa precise ou deseje sair durante a realização de um ritual, deverá solicitar ao Mestre e seguir o sentido anti-horário da mesa.

A fundamentação do uso da bebida na América pré-colombiana, apresenta uma relação direta com o xamanismo<sup>7</sup> e o seu objetivo de conexão com o sagrado, podendo também possuir ligação com o uso medicinal (MONTENEGRO, 2006).

Portanto, quando algo é associado à religião, podemos ligá-lo diretamente à cultura, pois faz parte da vivência de povos com grande importância para as relações individuais com o sagrado, sendo passado para as gerações mais novas, então falar de enteógeno é também trazer uma carga cultural a essas substâncias (TUPPER, 2011).

Com relação ao termo enteógeno, este surge para substituir outros, que trazem em sua origem, uma perspectiva preconceituosa e arcaica sobre essas substâncias. O termo enteógeno possui origem grega, criado para tratar dos alucinógenos que induzem visões e estão ligados à religião e seus rituais, podendo também ser associado às práticas xamânicas (PAVILLARD, 2003). Couto (2017), esclarece melhor a origem etimológica do termo enteógeno, bem como informa que não teve aceitação científica. Assim,

Enteógeno deriva das raízes gregas de *entheos* e corresponde à junção das palavras *en* (*dentro*) + *theos* (*deus*) + *genesthe* (*gerar*). A palavra enteógeno refere-se, portanto, a uma substância ou material que gera Deus ou o divino dentro de alguém. Embora o termo enteógeno esteja atualmente a receber ampla aceitação dentro do círculo de consumidores recreativos, este conceito não vingou na comunidade científica (COUTO, 2017, p.13).

Como dito anteriormente, a questão dos alucinógenos é muito controversa, tendo recebido ao longo do tempo inúmeras iniciativas repressoras por parte do Estado e da sociedade de uma forma geral, vide o caso do dietilamida do ácido lisérgico, ou LSD (sigla em inglês). Ao fazer referência ao LSD, Couto (2017) postula que:

Mais tarde, o uso dos alucinógenos, em particular do LSD, escapou do laboratório para a rua. Os efeitos psicológicos adversos (i.e.,) ansiedade, pânico, psicose) desencadeados pelo seu consumo não controlado, tornaram-se aparentes à medida que os alucinógenos começaram a ser uma substância recreativa vulgarizada, com consumo abusivo em cenários de festa. Os alucinógenos acabaram por ser associados a movimentos políticos nos Estados Unidos, nomeadamente com o movimento rebelde de contracultura que marcou os anos 60 (COUTO, 2017, p.8).

---

<sup>7</sup> Cf. Montenegro (2006, p. 7), “o xamanismo não é uma forma de religião organizada, institucional; é encarado como um sistema de práticas e crenças em que a magia não estaria em oposição ou dissociada da religião.”.

Por outro lado, a grande importância da “hoasca” é o potencial enteógeno que possui, a partir da combinação de plantas que, quando juntas provocam um estado alterado da consciência, levando a uma conexão com algo mais interior e mais importante, ao “sagrado”. É justamente nesse ponto que se faz tão fundamental, o uso da bebida por alguns povos e religiões, pois é através das plantas mestras que será possível experimentar esses efeitos tão desejados e particulares (MACRAE, 1992).

No que diz respeito ao direito do uso religioso da *ayahuasca*, além de ter sua origem vinculada a populações compreendidas como marginais em relação aos grandes processos de desenvolvimento econômico e social brasileiro, índios, caboclos seringueiros são marcados pelo uso de uma “droga” (GOULART, 2019).

Por sua vez, Maggie (1992), defende que existem semelhanças entre as religiões ayahuasqueiras e as afro-brasileiras. Isto porque, seu processo de formação nas últimas décadas esteve condicionado por pressões de um novo cenário no Brasil, ou seja, à defesa da imagem de uma sociedade “moderna”, “mais racional” e “mais branca”.

Conforme Goulart (2019, p.209), “ao longo dos anos 2000 surge um novo tipo de demanda entre os integrantes destas religiões: o reconhecimento do uso ritual da ayahuasca como patrimônio cultural brasileiro.”.

Essa autora informa ainda, que:

a reivindicação para que o uso ritual da ayahuasca seja inscrito como patrimônio imaterial brasileiro manifesta uma modificação das estratégias políticas destas religiões. Há uma clara intenção dos representantes destes grupos em desvincular o tema da ayahuasca das políticas públicas sobre drogas, ao relacioná-lo, agora, às políticas culturais (GOULART, 2019).

Quando se trata da psilocibina<sup>8</sup> (Figura 4), Souza (2019) afirma que podemos dividir os fungos classificados como basidiomicetos que produzem corpos de frutificação, chamados de cogumelos, em três tipos principais: comestíveis; venenosos; e, alucinógenos<sup>9</sup>. A psilocibina é uma substância encontrada em várias espécies de fungos *Psilocybe spp.* (Figura

---

<sup>8</sup> Conforme Carneiro (2004, p.104): “Gordon Wasson, nos anos 50 descobriu o consumo até então desconhecido dos cogumelos (denominados mais tarde, *psilocibe*, por Albert Hoffman, que isolou o princípio ativo psilocibina) entre os mazatecas do México.”.

<sup>9</sup> Segundo Couto (2017, p.6): “Os alucinógenos clássicos são usados por humanos há mais de 5000 anos, sendo o seu consumo no passado associado principalmente a contextos religiosos e rituais divinos.”.

5), popularmente conhecidos como “cogumelos mágicos”, que podem ser consumidos de maneiras diferentes, *in natura* ou a partir de um chá (FARIA, 2017).

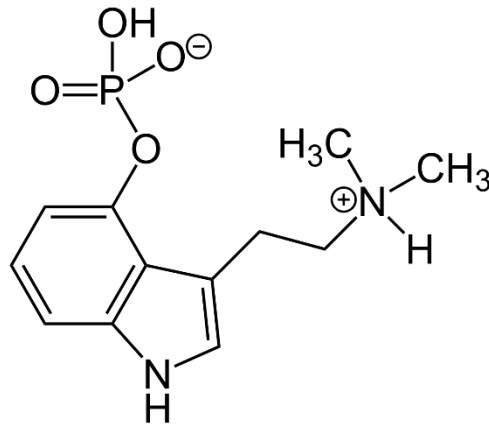


Figura 4 – A substância psilocibina

Fonte: Wikipedia, 2020.



Figura 5 – Cogumelos da espécie *Psilocybe cubensis*

Fonte: Fungicultura Cubensis, 2020.

Segundo Carhart-Harris et al. (2012), a estrutura da psilocibina é muito similar à da serotonina. Com efeito, a psilocibina tem elevada afinidade com os receptores 5-HT, tendo sido constatado que a ação neurofarmacológica da psilocibina é dependente da distribuição dos receptores 5-HT em diferentes tipos de células.

Assim, é a psilocibina que provoca os efeitos alucinógenos desses cogumelos, sendo primeiro isolada pelo químico suíço Albert Hofmann, resultando no início do seu conhecimento mundial (SOUZA, 2019).

Como a *ayahuasca*, o seu uso também foi identificado em tribos da América Latina, onde o objetivo era se atingir o estado alterado da consciência e conseqüente conexão com o “divino”, por meio de rituais religiosos. Com a sua popularização no mundo, o seu uso recreativo começou a ser realizado em diversos países (ESCOBAR, 2008).

## CRIMINALIZAÇÃO E PRECONCEITO ACERCA DAS SUBSTÂNCIAS ENTEÓGENAS

A utilização dos psicotrópicos era comum nos costumes dos povos originários. Com a chegada do período colonial, essas substâncias foram proibidas pelos colonizadores e subjugadas como algo que serviria para praticar o “mal”, a menos que possuíssem alguma vantagem para eles, como a utilização em práticas comerciais. Então, podemos considerar a colonização como precursora dessa visão preconceituosa (MONTENEGRO, 2006).

Ainda de acordo com este autor quanto à reação dos colonizadores ao uso de psicotrópicos, é possível constatar que variava conforme determinados elementos. Assim,

[...] a coca não foi proibida, apesar dos esforços da Igreja Católica, pois seu uso era lucrativo para os colonizadores em dois aspectos (na venda do produto e do aumento da produtividade do trabalho indígena). O mate e o guaraná foram absorvidos pela cultura dominante, expurgados de seus significados religiosos e identitários. O cacau transformou-se na base do chocolate, alimento de consumo mundial. O tabaco expandiu-se de forma incontrolável, apesar das tentativas de proibição por parte de vários Estados, da pregação contrária ao seu uso de diversas igrejas, e do discurso médico dominante adverso. Nos casos, porém, em que as considerações comerciais eram inexistentes, e em que o psicoativo em questão era indissociável das práticas religiosas tradicionais, a postura era proibição total. Os fenômenos decorrentes da experiência com droga eram assimilados a possessões diabólicas, e as visões que porventura ocorressem eram vistas como originárias do demônio (MONTENEGRO, 2006, p.9-10).

Em concordância com o postulado de Montenegro (2006), podemos citar a reflexão do historiador Serge Guzinski (1993). Assim,

A colonização do Imaginário, onde ressalta a importância do consumo dos alucinógenos, não somente na época pré-colombiana como também, em formas mais “selvagens”, durante o período colonial: “apesar da hostilidade da Igreja e da clandestinidade imposta, o consumo dos alucinógenos continua sendo, em princípios do século XVII, um fenômeno sumamente corrente. A resistência do complexo que, de uma maneira mais geral, também é o da idolatria, revela os limites da cristianização” (GRUZINSKI, 1993, p.217).

De todo modo, o uso patológico dessas substâncias psicotrópicas, *ayahuasca* e psilocibina<sup>10</sup>, seria excepcional e não, a regra geral (MONTENEGRO, 2006). Até porque, do contrário, haveria uma consequente perda do aspecto ritualístico, o que dessacralizaria e banalizaria a experiência de autoconhecimento, como no caso da *ayahuasca*.

Cabe destacar, que o uso abusivo de substâncias psicotrópicas, lícitas ou não, é uma questão contemporânea e extremamente relevante, possuindo íntima relação com a saúde pública, mas também com a perspectiva proibicionista.

Essa perspectiva proibicionista em relação a substâncias psicoativas remonta ao final do século XIX e início do século XX. Segundo Rodrigues (2008):

É importante ter em mente que demanda antidrogas, organizadas por grupos militares ou difusas na sociedade, precederam à elaboração das primeiras leis sobre psicoativos e, mais que isso, foram o substrato sobre o qual governos nos quatro continentes erigiram estatutos legais repressores. Essa pressão moralista contra as drogas remonta a finais do século XIX e princípios do século XX, e assumiu formas particulares nas Américas, Europa e Ásia. Se hoje o proibicionismo está cristalizado em normas internacionais, há cerca de um século havia um vácuo jurídico que deixava ainda intocado, do ponto de vista da regulamentação legal, um mercado de drogas psicoativas bastante vigoroso e mobilizador de importantes interesses econômicos. O trânsito que levou o mercado de drogas da legalidade à ilegalidade foi relativamente rápido e violento, como exemplifica o movimento que vai das Guerras do Ópio, no século XIX, à Lei Seca, de 1919 (RODRIGUES, 2008, p.91).

---

<sup>10</sup> Vale mencionar, que as Nações Unidas lançou em 1971, a Convenção sobre Substâncias Psicotrópicas, deixando claro que o uso de substâncias como a psilocibina deve ser rigidamente restringido. De acordo com este tratado, seria necessário proibir o uso, exceto para fins científicos e médicos muito limitados e, por pessoas devidamente autorizadas, em instituições médicas ou científicas que estejam diretamente sob o controle dos seus governos ou especificamente aprovadas por eles (NUTT et. al., 2013).

Nesse sentido, há implicações morais, sociais, políticas, econômicas, sanitárias e de segurança pública, basta citar, as inúmeras mortes de moradores de favelas e periferias, principalmente de jovens negros, por conta da chamada “política de guerra às drogas”, a qual pode ser caracterizada como necropolítica<sup>11</sup>, na perspectiva do conceito criado pelo sociólogo camaronês Achille Mbembe.

Em texto elucidativo acerca da “política de guerra às drogas”, publicado no site Alma Preta – Jornalismo Preto e Livre, Martins (2017) discorre sobre a sua origem histórica, afirmando que:

A década de 1970 inaugurou um novo capítulo na forma que a comercialização e o uso de entorpecentes ilícitos eram encarados nos EUA. O então presidente republicano, Richard Nixon, declarou guerra às drogas e ao tráfico de substâncias ilegais. O desejo do líder norte-americano era erradicar o vício e os “comportamentos degradantes” motivados pelo uso de drogas. Substâncias como a cocaína seriam as culpadas pela degradação de lares e o desvio da juventude naquela geração. No entanto, o resultado obtido por Nixon esteve longe de eliminar o consumo de entorpecentes, que, pelo contrário, só cresceu a partir daquele momento. A guerra às drogas se espalhou pelo continente americano, acirrando conflitos urbanos em diferentes cidades das Américas. No Brasil, a influência norte-americana foi direta e deu resultado em dois momentos. O primeiro em 1976, com a lei 6368/76, conhecida como a Lei dos Tóxicos, que passava a vigorar no país partindo do mesmo princípio proibicionista adotado nos EUA na época. A legislação combatia o consumo e a comercialização das drogas ilícitas. Um traficante poderia ser condenado de 3 a 15 anos de prisão e um usuário poderia ser internado compulsoriamente. O segundo momento acontece em 2006. Uma nova regra passa reprimir a venda e o uso de drogas: a lei 11343/06, chamada de Lei Drogas. A legislação estabelece novas diretrizes em relação ao dispositivo anterior (lei 6368/76) para distinguir usuários e traficantes (MARTINS, 2017).

Com efeito, surge na Europa e nos Estados Unidos da América (EUA), em 1979-80, o Estado neoliberal com a derrocada das políticas de Bem-Estar Social (*Welfare State*). Esse Estado neoliberal então, passa a ser extremamente opressor com as “classes perigosas”,

---

<sup>11</sup> Necropolítica diz respeito então, a uma política de Estado genocida, ou seja, de morte de corpos negros, pobres e periféricos, em defesa de uma noção de segurança pública, a serviço dos interesses da elite dominante. Para um aprofundamento é recomendável a leitura do livro de Achille Mbembe: “Necropolítica – Biopoder, estado de exceção, política de morte”, publicado no Brasil, inicialmente na revista *Arte & Ensaios*, do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e, posteriormente, pela editora N-1 Edições, em 2018.

assumindo cada vez mais explicitamente, sua face penal. Assim, começa a ocorrer a criminalização da miséria, nos termos de Wacquant (2003).

Não obstante, uma questão muito importante, é a imagem da *ayahuasca* perante a sociedade, a qual é comumente vista de uma maneira negativa, analisada apenas como uma droga, mesmo que no Brasil haja legalização para fins religiosos.

A mídia, como formadora de opinião, também transmite com frequência uma perspectiva negativa, contribuindo fortemente para que esta seja a visão hegemônica sobre a *ayahuasca* (ALMEIDA; ASSIS, 2011).

Um caso emblemático a respeito da forma como a mídia alimenta e reproduz preconceitos e estigmas presentes na sociedade em relação às drogas, ocorreu em 25 de janeiro de 2010, por conta da publicação no Diário Oficial da União (DOU), da Resolução nº 1 do Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas (CONAD). Nesta Resolução, houve a publicação do Relatório Final do Grupo Multidisciplinar de Final de Trabalho sobre a Ayahuasca (GMT), o qual teve sua conclusão no ano de 2006.

O referido Grupo tinha como membros, representantes do governo federal, cientistas de várias áreas e líderes das religiões ayahuasqueiras, tendo produzido um documento que estabeleceu uma deontologia do uso da *ayahuasca*, isto é, uma série de regras e princípios éticos, no sentido de orientar o consumo da *ayahuasca* (LABATE, 2009).

Esta publicação no DOU suscitou uma ofensiva midiática extremamente preconceituosa e estigmatizante com relação ao consumo da *ayahuasca* e religiões ayahuasqueiras, principalmente Santo Daime e UDV. A referida ofensiva ocorreu por meio da publicação de reportagens nos três semanários de maior circulação no Brasil até então, a saber: Isto É<sup>12</sup>, Época<sup>13</sup> e Veja<sup>14</sup>.

Na reportagem da Isto É, dois casos de mortes são associados especulativamente ao consumo do chá da *ayahuasca*. No primeiro, um jovem teria falecido em função de um ataque cardíaco durante a realização de um ritual num grupo ayahuasqueiro, no estado de Goiás. A Revista afirma que este jovem teria consumido daime e drogas, o que seria agravado em função de possuir a síndrome de Marfan, uma enfermidade degenerativa cardíaca. Já no

<sup>12</sup> Reportagem – “As encruzilhadas do Daime”, *Revista Isto É*, edição 2.100, 5 de fevereiro de 2010.

<sup>13</sup> Reportagem – “O Daime provocou o crime?”, *Revista Época*, nº 618, 22 de março de 2010.

<sup>14</sup> Reportagem – “O psicótico e o Daime: Até que ponto se justifica a tolerância com uma droga alucinógena usada em rituais de uma seita?”, *Revista Veja*, edição 2.157, ano 43, nº 12, 24 de março de 2010.

segundo caso, um jovem de dezoito anos morreu afogado em um lago de Ananindeua (PA), após a ingestão do chá da *ayahuasca* em um culto independente (LABATE, 2009).

Ainda tratando desta reportagem, cabe transcrever o trecho da página setenta, a partir do artigo de Almeida e Assis (2011), no tocante a religiões que utilizam substâncias psicoativas em seus rituais, as quais colocariam em evidência “a hipótese de que a liberação do daime poderia abrir o perigosíssimo precedente para a criação de religiões que incorporem drogas como a cocaína e a maconha em seus rituais.”.

Em relação à Revista *Época*, o destaque foi para as mortes do cartunista Glauco Villas Boas<sup>15</sup> e de seu filho Raoni. O assassino, Carlos Eduardo Sundfeld Nunes (Cadu) frequentava o centro daimista fundado por Glauco, e estaria sob efeito de maconha e haxixe no momento que cometeu os crimes. No trecho destacado abaixo, os autores apontam que na reportagem, é afirmado que o chá da *ayahuasca* estaria sendo consumido junto a outras drogas como a maconha. Assim,

os rituais do Santo Daime são acompanhados de uso de outras drogas, como a maconha, conhecida como “erva de Santa Maria”, e que grande parte das pessoas que procuram a igreja é de dependentes químicos à procura da cura, relativizando, entretanto, a importância do daime nos processos de cura física e espiritual dos fiéis (ALMEIDA; ASSIS, 2011, p.6).

Quanto à reportagem da Revista *Veja* são identificados pontos em comum com as da *Isto É* e *Época*, ou seja, o caráter preconceituoso e julgador delas. O que pode ser exemplificado na utilização de adjetivações negativas, tais como “droga alucinógena” ao invés de “enteógeno” ou “psicoativo”; e, “seita” no lugar de “religião” ou “profissão de fé”.

Conforme afirma Ruck et al. (1969), a ideia de enteógeno ou substâncias enteógenas foi elaborada por estudiosos, com o intuito de se referir a experiências místicas geradas por meio de substâncias consideradas “sagradas”.

Sendo assim, estudiosos das religiões ayahuasqueiras do Brasil começaram a usar esta ideia para se referir a experiências “autênticas” de utilização de psicoativos como contraponto à ideia de “alucinógeno”, pois remeteria em sua concepção, à percepção falsa da realidade.

---

<sup>15</sup> Também fundador da Igreja Céu de Maria, um centro daimista em Osasco, no estado de São Paulo.

Além disso, Goulart (2019) coloca que ao longo do tempo, o termo enteógeno passou a ser comum na retórica pública de líderes destas religiões, fundamentando a noção de “sacramento enteógeno”.

Vale destacar, que o teor da reportagem supracitada deixa evidente a posição ideológica da Revista, contrária a qualquer tolerância do uso da *ayahuasca*, mesmo que inserida no *setting* religioso (ALMEIDA; ASSIS, 2011).

Mais recentemente ainda é possível perceber que este posicionamento ideológico contrário ao uso religioso da *ayahuasca* por parte da mídia hegemônica e dos países de uma forma geral, não sofreu alteração significativa, muito pelo contrário. Para exemplificar, vale a pena citar duas reportagens com publicação virtual, uma do Jornal Grande Bahia<sup>16</sup>, do sociólogo Juarez Duarte Bonfim – “Nova perseguição infame ao uso religioso da Ayahuasca” e, a segunda, da Rede Brasil Atual – “A ayahuasca, do preconceito à criminalização”.

Em ambas as reportagens, é tratado sobre a criminalização da ayahuasca e a visão negativas que querem perpetuar, a primeira tem vinculação do seu uso a uma morte de um jovem, que havia consumido o chá um ano e meio antes de sua morte, mas traz em contraponto, a utilização por povos e grupos religiosos desde tempos imemoriais (BONFIM, 2016).

E na segunda, ocorre a prisão de um brasileiro, por portar garrafas de ayahuasca e traz a valorização pelo exemplo de um festival de filmes, chamado Ayafilm, que ocorreu no Acre, dedicado exclusivamente a essa bebida (MINUANO, 2017).

Observa-se, de modo mais geral, que não são muito reconhecidos os benefícios das substâncias enteógenas, chegando a ser banidas em alguns países. Essa questão pode estar relacionada a interesses políticos, mas deve ser levado sempre em consideração à relação com a perspectiva preconceituosa da sociedade em geral.

Podemos citar que no Brasil, as pesquisas sobre *ayahuasca*, estão em estágio inicial, o que demonstra uma visão muito preconceituosa sobre o assunto no país, pois por conta disso não são desenvolvidos estudos para a obtenção de benefícios para o organismo humano, no campo da saúde pública (ESCOBAR; ROAZZI, 2010).

Já quando se trata de psilocibina, o desenvolvimento de estudos está um pouco mais avançado em relação à *ayahuasca*. Um fator importante é o clima favorável do Brasil para as

---

<sup>16</sup> Publicação em: 10 mar. 2016. Disponível em: <<https://www.jornalgrandebahia.com.br/2016/03/nova-perseguiçao-infame-ao-uso-religioso-da-ayahuasca/>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

espécies de cogumelos que produzem essa substância. Uma das soluções seria aumentar o interesse das pessoas, para que haja pesquisas acerca dessas substâncias, realização de estudos pré-clínicos e clínicos, como base para comprovar a eficácia em tratamentos de determinadas doenças (ESCOBAR; ROAZZI, 2010).

É o caso do tratamento para a depressão severa por meio da psilocibina nos EUA, de acordo com a reportagem da Revista Veja<sup>17</sup> a respeito. A Food and Drug Administration (FDA) concedeu a designação de “terapia inovadora” ao Instituto Usona<sup>18</sup>. Cumpre informar, que o termo tem o objetivo de aceleração do processo de revisão necessária para a sua aprovação, sendo que nos EUA afeta mais de dezesseis milhões de pessoas e é a principal causa de incapacidade em pessoas de quinze a quarenta e cinco anos, conforme a Associação de Ansiedade e Depressão estadunidense.

Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS)<sup>19</sup> apontam que o Brasil é o país com mais deprimidos da América Latina, tendo mais de doze milhões de pessoas afetadas. Com efeito, a liberação do uso terapêutico da psilocibina para a depressão seria de grande valia para a população brasileira afetada. Não obstante, em outra reportagem, do Portal de Notícias G1<sup>20</sup>, é identificada uma pesquisa que trata do potencial uso da psilocibina para o tratamento da depressão, desta vez, um estudo em fase inicial, conduzido pelo King’s College London (Reino Unido).

Em trabalho a respeito da perspectiva sociopolítica e o potencial terapêutico de dependentes químicos da psilocibina, Couto (2017), após levantar argumentos favoráveis e contrários, concluiu que há um uso ritualístico milenar dos chamados “cogumelos mágicos”, sendo que as restrições se dão por instituições alheias ao meio científico; e que, os resultados são promissores no tocante aos dois estudos-piloto analisados, principalmente na obtenção de taxas de cessação (interrupção) tabágica e alcoólica superiores às dos tratamentos convencionais.

---

<sup>17</sup> Reportagem – “Alucinógeno para depressão recebe aval de ‘terapia inovadora’ da FDA”. Publicação em: 29 nov. 2019 e atualização em: 30 jul. 2020. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/saude/uso-de-alucinogeno-para-depressao-e-terapia-inovadora-para-fda/>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

<sup>18</sup> Instituição estadunidense sem fins lucrativos que desenvolve psilocibina como tratamento para a depressão severa.

<sup>19</sup> Reportagem – “Com mais de 12 milhões de doentes, Brasil é o país mais deprimido da América Latina, aponta OMS”. Publicação em: 28 ago. 2019. Disponível em: <<https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/com-mais-de-12-milh%C3%B5es-de-doentes-brasil-%C3%A9-o-pa%C3%ADs-mais-deprimido-da-am%C3%A9rica-latina-aponta-oms-1.738504>>. Acesso em: 22 fev. 2021.

<sup>20</sup> Reportagem – “Estudo avalia eficácia de cogumelos alucinógenos para tratamento da depressão”. Publicação em: 21 dez. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/12/21/estudo-avalia-eficacia-de-cogumelos-alucinogenos-para-tratamento-da-depressao.ghtml>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

## CAPÍTULO II – EFEITOS E BENEFÍCIOS NO SISTEMA NERVOSO CENTRAL (SNC)

No tocante aos efeitos físicos e psicológicos da *ayahuasca*<sup>21</sup>, é possível afirmar tais efeitos que são gerados pela combinação entre as plantas já citadas *Psychotria viridis* e *Banisteriopsis caapie*. Esses efeitos são ocasionados pela presença do alcalóide indol dimetiltriptamina (DMT) (Figura 5) no extrato<sup>22</sup> do arbusto *P. viridis*, principal responsável pelos efeitos alucinógenos da *ayahuasca*, agindo no Sistema Nervoso Central (SNC) e interagindo com os receptores de serotonina (ALMEIDA; ASSIS; SILVA, 2018).

Contudo, o DMT possui uma meia-vida curta e por isso, a importância da utilização do cipó *B. caapie*, pois nele está presente as  $\beta$ -carbolinas, que são inibidoras da enzima monoamina oxidase (MAO), que degrada o DMT no organismo humano. Portanto, inibir a enzima MAO possibilita que a molécula do DMT permaneça ativa no organismo, obtendo assim os efeitos desejados (SANTOS, 2007).

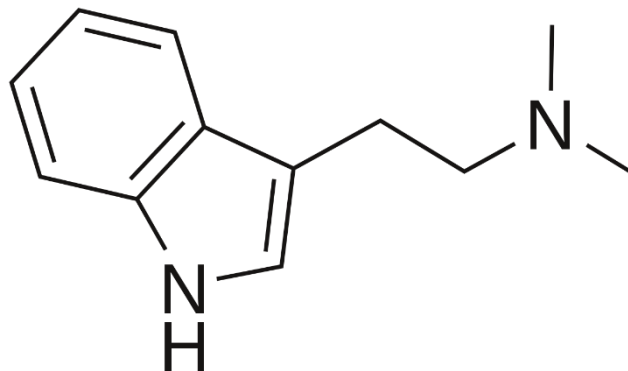


Figura 6: A substância dimetiltriptamina (DMT)

Fonte: Harbin, 2008

Para Cazenave (2000), os efeitos subjetivos seriam a visão de imagens com os olhos fechados, delírios semelhantes a sonhos e uma sensação de vigilância e estimulação, sendo

<sup>21</sup> De acordo com o site da UDV, no âmbito das experiências individuais com o chá da *ayahuasca* há a chamada “burracheira”, nome dado ao efeito desta substância no espírito humano, significando “força estranha”. Isto revelaria a dimensão espiritual e a existência do “sagrado”. No período em que esta força se manifesta, o discípulo experimentaria grande clareza e discernimento, recebendo ensinamentos sobre a própria existência. Vale ressaltar, que a burracheira nem sempre é uma experiência fácil, embora seja sempre benéfica e purificadora. Disponível em: <<http://www.uniaodovegetal.org.br/udv/index.html>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

<sup>22</sup> Preparações obtidas através de maceração ou percolação.

comum quadros de hipertensão, palpitação, taquicardia, tremores, midríase, euforia e excitação agressiva.

Os denominados “estados alterados de consciência”, provocados pelo chá poderiam ser considerados alterações da percepção, cognição, volição e afetividade (LABIGALINE, 1998). Para Nobre de Melo (1981), os “estados alterados de consciência” poderiam ser classificados em três conjuntos, a saber:

embotamento ou entorpecimento, que se caracteriza pela diminuição ou perda da amplitude ou claridade da vivência, comum em quadros confusionais relacionados a processos tóxicos orgânicos, como a uremia; o estreitamento compreende, particularmente, a redução da amplitude fenomênica do campo da consciência, e que se apresenta em situações como sonambulismo, possessão, transe mediúnicos e estados de êxtase religioso; e o terceiro grupo, a obnubilação ou turvação, em que estão presentes entorpecimento importante, alteração do juízo de realidade e ideias anormais, com variações importantes dependendo da etiopatogenia do quadro, tais como *delirium tremens*, estados crepusculares epiléticos e amênia (NOBRE DE MELO, 1981).

De acordo com Labigaline (1998), há trabalhos que apresentam quatro características encontradas nos “estados alterados da consciência”, a saber:

1. Inefabilidade: algo que não pode ser explicado com palavras em nenhum relato adequado do seu conteúdo, ou seja, a sensação necessita ser experimentada diretamente, não podendo ser comunicada ou transferida a outros;
2. Qualidade noética: similar a estados de sentimento, estados de conhecimento, estados de visão interior dirigida a “profundezas da verdade”, não-rationais.
3. Transitoriedade: não podem ser mantidos por muito tempo; e,
4. Passividade: sensação de que a própria vontade está adormecida e de que está sendo agarrado por uma força superior.

Labigaline (1998) postula que a maioria dos alucinógenos que atuam sobre o receptor 5-HT, levaria ao fenômeno da tolerância, o qual é caracterizado pela necessidade de doses crescentes para conseguir os mesmos efeitos ou a diminuição do efeito inicial, quando a dose é utilizada. Não obstante, ainda segundo este autor o DMT mostrou-se uma exceção em

estudo feito no ano de 1997, no qual foi demonstrado que essa substância, em uso isolado, não levou ao desenvolvimento de tolerância crescente, posteriormente a doses subsequentes.

Observa-se que as técnicas e sanções utilizadas no Santo Daime, Barquinha e UDV não levam em consideração os possíveis efeitos tóxicos das substâncias presentes no chá. Efeitos observados comumente como náuseas, vômitos e diarreia, podem gerar reações mais graves no organismo, como desidratação e descompensação eletrolítica, sendo que esse agravamento se mostra ainda mais sério no caso das crianças, que também são usuárias desde o nascimento, dependendo da decisão dos pais. Outro fator a ser considerado seria a obrigatoriedade de consumir o chá com estômago vazio, ingerindo apenas alimentos leves durante as semanas anteriores ao seu consumo.

Contudo, tais efeitos parecem ser desmerecidos por grande parte dos usuários, em razão destes considerarem as ações como de purificação um estado de não entendimento da divindade e, portanto, não tomam as atitudes necessárias para a proteção de seu organismo. Desse modo, as experiências relatadas por pessoas que fazem o uso da substância e também pacientes observados em pesquisas controladas variam de um organismo para outro, podendo ser visões sobre a vida, cura de males considerados internos, sensações de formigamento, entre outros efeitos, mas trazendo sempre um acesso profundo à mente e à conexão com forças superiores (MACRAE, 1992).

Segundo o documentário “DMT – A molécula do espírito” (SCHULTZ, 2010), podemos perceber que essa substância é extremamente potente, levando a um transe diferente de qualquer outro alucinógeno, considerado até como algo que une todos os seres, segundo palavras dos participantes do documentário.

Dessa maneira, a sua utilização traz uma maneira de se comunicar com o mais profundo da natureza e assim, com a realidade. Todas as experiências trazidas pelo documentário, dirigido por pesquisadores da área de psiquiatria, mostram que a experiência com o DMT é bem individual, mas de forma geral ocorre uma sensação de estar saindo do próprio corpo, combinada com a interação da mente (*Set*) e o entorno (*Setting*).

Nessas experiências, quando ocorre a expansão da consciência, é sempre citada a perda da noção do tempo e do espaço. Há em comum, relatos de conexão com algo que os participantes definem como “divino”.

A análise sobre a ação do DMT, sugere que pode estar atrelada a uma glândula presente no cérebro, conhecida como pineal, que seria a ligação com esse universo paralelo, no qual ainda temos muito a descobrir e, principalmente, a aprender.

É bem descrito pela literatura específica, que a glândula referida consegue produzir pequenas quantidades de DMT em situações específicas (STRASSMAN, 2001).

Cabe destacar, que a exemplo de outras substâncias utilizadas pelos povos tradicionais<sup>23</sup>, “todas as plantas americanas possuidoras de DMT e consideradas sagradas para estes povos, foram alvo de perseguições pela Igreja Católica e pela administração colonial.” (CARNEIRO, 2004, p.103). Ainda segundo este autor,

Alguns dos mais preciosos saberes indígenas nas Américas forma sufocados pelos colonizadores e subsistiram por meio de disfarces, sincretismos, ocultações deliberadas e cultos secretos. A transmissão oral iniciática de xamãs ou pajés preservou o conhecimento de plantas sagradas, cujo rumor dos seus efeitos fantásticos seduziu mestiços e europeus durante séculos. Um atrito cultural importante na apreensão europeia do saber herborístico americano referiu-se à arte “vegetalista” indígena, conhecedora de determinadas plantas psicoativas sagradas que foram condenadas e proscritas em função dos seus efeitos alucinógenos ou afrodisíacos (CARNEIRO, 2004, p.104).

Outrossim, a *ayahuasca* é utilizada há milhares de anos, sendo considerada por muitos, uma substância segura, mesmo sem comprovação na literatura. Além disso, possui benefícios psicoterapêuticos.

Tratando sobre a psilocibina, é visto que essa substância, como outros alucinógenos, causa sensações físicas e psicológicas diferenciadas, o que leva a uma nova percepção pessoal do todo.

Todas essas substâncias, por apresentarem efeitos fisiológicos em doses baixas, podem levar a um estado indesejado de alteração da consciência, com efeitos adversos e sensações de extremo desconforto, podendo causar surtos no momento de uso de elevadas quantidades. Estas sensações estão relacionadas ao que os usuários denominam popularmente de *bad trips* (FARIA, 2017). Nesse sentido, Couto (2017) esclarece que,

---

<sup>23</sup> Conforme Carneiro (2004, p.108): “A complexidade química destes compostos é um testemunho inestimável da riqueza do saber botânico indígena e de sua capacidade de experimentação e combinação de diferentes plantas.”. Este autor informa pontua ainda, que a utilização de substâncias psicoativas em revoltas indígenas foi característica de diversos movimentos de resistência nativa nos Estados Unidos da América (EUA).

Dada a variabilidade inerente à experiência induzida por alucinógenos, acredita-se que as características do paciente, bem como do ambiente circundante, são fatores influentes da experiência. (...) Relativamente às características individuais do participante, incluem-se, entre outros, o estado de espírito e expectativas antes da administração do fármaco, assim como particularidades psicológicas e história pessoal. (...) Também existem fatores fisiológicos e genéticos que podem influenciar a forma como o participante responde ao tratamento. (...) Os efeitos psicológicos agudos incluem experiências místicas e alterações a nível do insight do paciente, relacionando-se com a crítica da doença, ou seja, com a capacidade por parte do doente de autocrítica relativamente ao carácter patológico da doença e, neste caso em particular, adquire um carácter mais lato, pois equivale também a uma alteração na compreensão da natureza das coisas assim como uma percepção mais lúcida dos acontecimentos. (...) Os efeitos agudos podem levar a uma variedade de potenciais efeitos persistentes que são relevantes para eventuais alterações no comportamento aditivo. É sugerido que a administração de alucinógenos desencadeia uma melhoria persistente no humor e uma redução nos níveis de ansiedade, alterações nas crenças e valores e até nos traços de personalidade. Estas mudanças psicológicas estariam necessariamente associadas a efeitos cerebrais persistentes (alterações neuroplásticas e alterações funcionais), embora atualmente não existam dados concretos sobre alterações persistentes na estrutura ou função do cérebro em seres humanos submetidos ao tratamento facilitado por alucinógenos (COUTO, 2017, p.14-15).

Couto (2017) esclarece ainda, que no modelo proposto em seu estudo, a redução do consumo da substância aditiva resultaria na última escala de determinados mecanismos, isto é,

diminuição do *craving* (desejo intenso ou impulso para consumir determinada substância), aumento da autoeficácia (na capacidade de realizar uma tarefa específica, no sentido da cessação do consumo) e aumento da motivação (reconhecimento do problema, desejo de mudar e compromisso com a mudança). Estes mecanismos particulares foram selecionados porque o seu papel no tratamento das dependências está bem estabelecido e é plausível que qualquer um deles possa resultar nas alterações persistentes que são hipotetizadas. No entanto, é relevante referir, que os efeitos específicos e diretos do tratamento assistido por alucinógenos no *craving*, na autoeficácia e na motivação em pacientes com dependências ainda não foram estudados (COUTO, 2017, p.15-16).

Por outro, lado, Diana (2011) coloca que em contraste com outras substâncias passíveis de abuso, os alucinógenos, principalmente, a psilocibina, não são capazes de produzir efeitos de reforços em quantidade suficiente para gerar síndromes de dependência.

Consequentemente, Couto (2017) adverte que mesmo existindo algum consenso do ponto de vista científico, tendo fundamentação biológica e empírica, de que estas substâncias não produzem adição, o consumo de psilocibina desencadeia tolerância. Para tanto, declara que,

Foram observadas fortes correlações entre as medidas de intensidade dos efeitos agudos da psilocibina e os resultados clínicos. Apesar da diminuição do consumo estar essencialmente correlacionada com a qualidade mística da experiência aquando da administração da psilocibina, existe também uma associação com outros efeitos (COUTO, 2017, p.23).

Já Johnson, Richards, & Griffiths (2008), informam que em outros estudos mais recentes<sup>24</sup>, voluntários saudáveis apresentaram uma dimensão mística autodeclarada da experiência com a psilocibina, tendo sido descrita por meio de sentimentos de unidade, sacralidade, transcendência do tempo e do espaço, bem como, sentimentos positivos profundos e inefabilidade.

Desse modo, essa substância pode trazer diversas percepções experimentadas com o outros alucinógenos, como vivenciar estados diferentes da realidade, tendo os sentidos alterados, principalmente a visão, e um novo entendimento sobre o todo. Ocorrendo também os estados físicos alterados, como: fraqueza muscular, tremores, lacrimejamento, sudorese<sup>25</sup>, bocejo, entre muitos outros (DINIZ, 1999). Além dos efeitos normais e até os benéficos, também é importante apontar a toxicologia dessas substâncias. Em relação à *ayahuasca*, será alusivo aos seus efeitos fisiológicos. Considerando assim, sintomas<sup>26</sup> como vômitos e diarreia podem vir a ser preocupantes, pois são capazes de gerar uma desidratação.

Além disso, determinadas  $\beta$ -carbolicinas foram identificadas como causadoras de efeitos co-mutagênicos, sendo que o mecanismo pode estar articulado à interação dessas substâncias com os ácidos nucléicos. Além disso, essas substâncias, por serem inibidoras da MAO, podem causar a denominada síndrome serotoninérgica (KATZUNG, 1998), a qual é uma das

---

<sup>24</sup> De acordo com Couto (2017, p.21): “Outra questão que se levanta é relativa à homogeneidade racial e altos níveis educacionais da amostra estudada, o que pode ter influenciado os dados.”

<sup>25</sup> Suor excretado pelo corpo.

<sup>26</sup> Náuseas, vômitos e diarreia são comuns e podem estar associados à ação no receptor 5-HT<sub>2</sub>.

patologias mais graves ocasionadas pelo excesso de serotonina (MCKENNA et al. 1998). Por sua vez, Umezawa et al. (1978) advertem que o uso do chá por gestantes, como protetor e facilitador do parto, pode ser um ponto crítico, pois certas  $\beta$ -carbolinas possuem ação comutagênica.

Essa crise como dito acima, é gerada pelo excesso de serotonina no organismo, a serotonina é metabolizada MAO, porém essa enzima é degradada pelas  $\beta$ -carbolinas, ocorrendo assim um nível excedente de serotonina no organismo. Portanto, esses efeitos adversos citados acima, também podem dar origem a sensações ruins, que podem ser vivenciadas durante o ritual, após a ingestão do chá (COSTA; FIGUEREDO; CAZENAVE, 2005).

A psilocibina possui efeitos adversos, que se relaciona a sintomas mais comuns e menos graves, como: dores musculares, náusea, fadiga e cefaleia<sup>27</sup>, indo até os sintomas mais graves, como: hipertermia<sup>28</sup>, convulsões e coma, mas no geral a substância não está ligada a óbito (DINIZ, 1999).

Um fator importante a ser considerado é a ingestão de cogumelos que possuem substâncias tóxicas, por pessoas pouco instruídas, uma vez que os mesmos cogumelos alucinógenos podem ser confundidos com os que possuem essas substâncias, por conta da semelhança que possuem visualmente aos que contém a psilocibina. Essa ingestão pode levar à morte (DINIZ, 1999).

Do ponto de vista toxicológico, a utilização do chá da ayahuasca pode produzir efeitos nocivos ao organismo, tais como desidratação, em função das náuseas, vômito e diarreia (mais frequentemente relatados), bem como, a síndrome serotoninérgica, sendo que a última é a consequência mais grave desta utilização (CALLAWAY et al., 1999; CALLAWAY et al., 1994; STERNBACH, 1991).

Não obstante, um ponto fundamental a ser tratado é o benefício trazido pelo uso dessas substâncias, que se torna fundamental para a sua valorização e descriminalização. Com relação à *ayahuasca*, Escobar e colaboradores realizaram estudos comprovando um resultado promissor para o uso da bebida em relação a controle emocional e saúde mental. Já foram feitos testes pré-clínicos que comprovaram um potencial antidepressivo da *ayahuasca*, mas o seu melhor funcionamento é quando se fala do tratamento do vício de substâncias (ESCOBAR; ROAZZI, 2010).

---

<sup>27</sup> Dor de cabeça.

<sup>28</sup> Aumento exacerbado da temperatura corporal.

Um outro benefício do chá estudado, é que age diretamente no sistema límbico (Figura 7), podendo assim ser potencialmente, um tratamento contra a depressão. Mas, importante sempre lembrar que a substância é eficiente na quantidade certa, evitando assim efeitos indesejados (DE SOUZA, 2011).

Essa relação do sistema límbico com o tratamento da depressão ocorre, uma vez que é essencialmente esse o sistema que controla nossas emoções no sistema nervoso central e um aspecto marcado pela depressão é a diminuição temporária da produção de neurotransmissores associados ao sistema límbico (DE SOUZA, 2011).



Figura 7 – Sistema límbico

Fonte: Shutterstock, 2021

É consenso na literatura específica que as potencialidades terapêuticas da *ayahuasca* ainda não estão descritas e totalmente descobertas. Vale salientar, que estudos sobre a *ayahuasca*, que comprovem o seus benefícios para a saúde, de maneira geral, ainda têm muito a se desenvolver, pois é evidente o grande potencial dessa substância, não plenamente descoberto (ESCOBAR; ROAZZI, 2010).

Não obstante, estudos consistentes apontam que substâncias presentes no extrato do cipó *B. caapie*, estimularam a neurogênese adulta *in vitro*, além de induzirem à diferenciação e aumentarem a migração de células-tronco neurais. Sem dúvida alguma, esse potencial neurogênico possui uma grande importância para as áreas envolvidas da medicina. (MORALES-GARCÍA; REVENGA; GIL et al., 2017).

Já com relação aos benefícios da psilocibina para o organismo humano, recentes publicações científicas descrevem, em pacientes que usaram doses controladas, casos de significativa melhora no quadro de enxaquecas, oferecendo resultados mais promissores que os tratamentos convencionais já existentes (ESCOBAR, 2008). Alguns tipos de enxaqueca possuem relação com o sistema serotoninérgico, podendo ser uma via de mecanismo para tal efeito analgésico.

Além deste benefício, comprova-se o efeito desta substância em relação ao transtorno obsessivo compulsivo (TOC), sendo esta associação está ligada à sensações dos estados alterados da consciência, o que levaria à diminuição dos sintomas causados pelo TOC, tendo assim um possível tratamento alternativo (MORENO; WIEGAND; TAITANO et al., 2006).

Mais recentemente, também foram descobertos efeitos terapêuticos que aliviam o estado do ânimo em pacientes de câncer terminal, oferecendo uma qualidade de vida melhor para a pessoa nesse período (ESCOBAR; ROAZZI, 2010).

Além dos efeitos fisiológicos já descritos anteriormente, a psilocibina é investigada como uma molécula promissora para o tratamento da depressão. Segundo Faria, essa substância é considerada segura, caso seja usada com controle e supervisão médica, possuindo assim um grande potencial para se tornar um tratamento alternativo além dos existentes, visto que para alguns casos, os tratamentos convencionais são ineficientes (FARIA, 2017).

Os transtornos psicológicos são um problema de saúde pública e têm sido um mal que vem acometendo a sociedade há muito tempo, principalmente quando se trata dos casos de depressão.

A depressão vem tendo um aumento significativo com o passar dos anos, afetando milhões de pessoas, sendo considerada um dos principais problemas de saúde no mundo, quando se trata de transtornos mentais (GODOY; ADAMI, 2019).

Os jovens, foram por muitos anos desconsiderados das estatísticas sobre depressão, porém na sociedade contemporânea podemos notar que essa doença se tornou frequente nessa parte da população, por fatores diversos, que vão do meio familiar ao social (BIAZUS; RAMIRES, 2012).

O uso desses psicoativos traz uma forma de tratamento alternativo a esses problemas do cotidiano. Os efeitos da utilização são bem diversificados, passando de sensações físicas até as psicológicas, sendo entendidas como bem profundas, tal como reviver traumas antigos.

Contudo é sempre importante frisar que esses efeitos variam para cada indivíduo, dependendo da vivência e do ambiente que estão inseridos no momento da utilização (ESCOBAR; ROAZZI, 2010).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de elaboração do estudo realizado, houveram mudanças em relação ao tema e como de fato o mesmo seria abordado. No pré-projeto, foi decidido que iria se tratar apenas sobre a ayahuasca, onde se falaria sobre a expansão da consciência e religião. Após isso, houve o interesse de se trazer a questão dos benefícios do chá, visto que o mesmo funciona como tratamento alternativo para transtornos psicológicos doenças do SNC. Depois, com os encontros para orientação, foi decidido se inserir a psilocibina e a questão da criminalização e preconceito sobre ambas as substâncias, tendo assim o tema atual apresentado na qualificação do projeto e sendo mais elaborado para a defesa e conclusão da monografia.

Contudo, apesar de diversos recortes feitos, sempre se teve como ponto fundamental, o grande potencial dessas substâncias para diversas áreas, que contemporaneamente ainda não possuem reconhecimento pela maior parte da sociedade, e o histórico das mesmas.

O processo como um todo, foi muito enriquecedor, tendo uma grande importância para o meu aprendizado principalmente social e cultural, acerca do tema e das culturas relacionadas ao mesmo. Entendendo assim, as questões proibicionistas relacionadas a substâncias enteógenas, que levam a falta de estudos na área, mesmo esses sendo muito benéficos para a saúde pública e a sociedade de maneira geral, e a visão estigmatizante relacionadas a ayahuasca e a psilocibina, mas também levando em conta as populações desumanizadas por suas origens e pela forma como vivem.

Entende-se que o trabalho elaborado poderá contribuir com uma nova visão a respeito das substâncias enteógenas, para que se possa evitar assim, que continue ocorrendo a criminalização e o preconceito por parte da sociedade.

Além disso, é possível perceber que não são apenas substâncias com importância para religião, que podem sim ter grande importância na medicina contemporânea, com o fortalecimento dos estudos e pesquisas nessa área.

Concorda-se com Goulart (2019), quando afirma que,

[...] impressiona o fato destas religiões terem conquistado o direito ao uso de uma bebida psicoativa num cenário ainda pouco favorável a mudanças significativas com relação a uma pauta de política de drogas proibicionista. Isto é importante, inclusive, se

considerarmos, além da legislação de drogas nacional, o fato de o Brasil ser signatário de vários tratados internacionais sobre o tema, os quais destacam a necessidade de repressão a drogas, classificando-as em listas que permitem enquadrá-las como mais ou menos proibidas (GOULART, 2019, p.214).

A autora também esclarece que as religiões ayahuasqueiras, desde as últimas quatro décadas, parecem estar saindo de uma condição de marginais e se alinhando a projetos mais hegemônicos do campo religioso brasileiro (GOULART, op. cit). O que poderia explicar em certa medida, a sua maior aceitação e evidenciar uma vitória da luta política de suas lideranças.

Não obstante, é importante frisar que os povos indígenas da região amazônica ainda continuam sofrendo como uma visão discriminatória e exotizada de sua cultura, mas por outro lado, se valem disso para buscar meios de sobrevivência, por meio do “turismo xamânico” e garantir reconhecimento de seus saberes ancestrais. Para Carneiro (2004):

A contribuição da cultura indígena continua a ser encarada através do olhar médico e policial. [...] Duas sobrevivências do saber indígena sobre as plantas subsistem, entretanto, conflituosamente, no mundo contemporâneo. Por um lado, uma tradição xamânica cobiçada pela indústria farmacêutica, que através dos estudos etnobotânicos. [...] O saber dos pajés, o conhecimento das plantas terapêuticas e visionárias, que os missionários cristãos combateram como a mais demoníaca das práticas, e os naturalistas europeus investigaram, desde a época colonial, como um dos mais ricos frutos das culturas indígenas, continua presente tanto na cultura popular dos cultos da jurema e da ayahusca como na cultura erudita e científica que busca os princípios ativos das farmacopéias nativas da América para fornecer novos remédios para os males deste mundo (CARNEIRO, 2004, p.117).

Concorda-se com Couto (2017) quando esta afirma que:

Vários autores defendem a ideia de que as substâncias alucinógenas foram inseridas na categoria mais restrita tendo em conta critérios errôneos, que não correspondem à fundamentação científica sobre a sua nocividade para o indivíduo ou para a saúde pública (COUTO, 2017, p.11).

Vale ressaltar, que esse estudo mesmo tendo limitações, em razão de estar no âmbito da iniciação científica de Ensino Médio, pretende contribuir para o estabelecimento de uma nova perspectiva social acerca das substâncias enteógenas. Por fim, entende-se ser necessário haver o reconhecimento do grande potencial que possuem no campo cultural e medicinal.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. E. de.; ASSIS, G. L. **A visibilidade das revistas Veja, Época e Isto é: o caso da legalização do Santo Daime**. Recife, XXVIII Congresso Internacional da ALAS, 6 a 11 set., 2011, Universidade Federal de Pernambuco, Grupo de Trabalho 03 - Produção, Consumos Culturais e Meios de Comunicação.
- ALMEIDA, D. F.; ASSIS, T. J. C. F.; SILVA, A. L. P. Dimetiltryptamina: alcalóide alucinógeno e seus efeitos no Sistema Nervoso Central. **Acta Brasiliensis**, v. 2, n. 1, p. 28, 20 jan. 2018.
- ASSIS, G. L.; RODRIGUES, J. A. Uma bebida, muitas visões: apontamentos sociológicos sobre a II Conferência Mundial da Ayahuasca. **Horizontes Antropológicos**, v. 24, n. 51, p. 135–165, ago. 2018.
- BLAZUS, C. B.; RAMIRES, V. R. R. Depressão na adolescência: uma problemática dos vínculos. Maringá, **Psicologia em Estudo**, v. 17, n. 1, p. 83–91, 2012.
- BONFIM, J. D. **Nova perseguição infame ao uso religioso da Ayahuasca**. Publicação em: 10 mar. 2016. Disponível em: <<https://www.jornalgrandebahia.com.br/2016/03/nova-perseguiçao-infame-ao-uso-religioso-da-ayahuasca/>>. Acesso em: 27 jan. 2021.
- CALLAWAY, J.C.; AIRAKSINEN, M.M.; MCKENNA, D.J. et al. - Platelet serotonin uptake sites increase in drinkers of *ayahuasca*, **Psychopharmacology** 116:385-7, 1994.
- CALLAWAY, J.C.; MCKENNA, C.S.; GROB, G.S., et al. Pharmacokinetics of Hoasca alkaloids in healthy humans. **J Ethnopharmacology** 65; 243-56, 1999.
- CARNEIRO, H. S. O uso ritual da Ayahuasca (LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (orgs.) [resenha]. São Paulo: **Revista de Estudos da Religião (REVER)**, Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Disponível em: <<https://www.pucsp.br/rever/resenha/carneiro01.htm>>. Acesso em: 05 mar. 2020.
- CARNEIRO, H. As plantas sagradas na História da América. **Varia Historia**, n.32, jul., p.102-119, 2004.
- CARHART-HARRIS, R. L., ERRITZOE, D., WILLIAMS, T., STONE, J. M., REED, L. J., COLASANTI, A., NUTT, D. J. (2012). Neural correlates of the psychedelic state as determined by fMRI studies with psilocybin. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, 109 (6).
- COSTA, M. C. M.; FIGUEIREDO M. C.; CAZENAVE, S. O S. **Ayahuasca: uma abordagem toxicológica do uso ritualístico**. São Paulo, v. 32, n. 6, p. 310-318, 2005.
- COUTO, P. S. T. **Psilocibina: perspectiva sociopolítica e potencial terapêutico na adição**. Trabalho Final de Mestrado Integrado em Medicina. Clínica Universitária de Psiquiatria e Psicologia Médica, Faculdade de Medicina Lisboa, Universidade de Lisboa, 2017.
- DE SOUZA, P. A. Alcaloides e o chá de ayahuasca: uma correlação dos “estados alterados da consciência” induzido por alucinógenos. Botucatu, **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 13, n. 3, p. 349–358, 2011.

- DIANA, M. (2011). The dopamine hypothesis of drug addiction and its potential therapeutic value. **Frontiers in psychiatry**, 2, 64.
- DINIZ, O. G. L. **Usos, Bioquímica e Atividade Biológica do Psilocybe spp.** Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Instituto Brasileiro de Estudos Homeopáticos (IBEHE), Rio de Janeiro, 1999.
- ESCOBAR, J. A. C. **Observação e exploração da percepção visual e do tempo em indivíduos sob o estado ampliado de consciência após o consumo de cogumelos “mágicos”.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, 2008.
- ESCOBAR, J. A. C.; ROAZZI, A. Panorama Contemporâneo do Uso Terapêutico de Substâncias Psicodélicas: Ayahuasca e Psilocibina. São Paulo, **Neurobiologia**, vol.73, n.3, jul.-set., p.159-172, 2010.
- FARIA, J. F. **Fungos alucinógenos: uma revisão sobre o Psilocybe sp. e a substância Psilocibina.** Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização), Universidade de Minas Gerais, Pós-Graduação em Microbiologia, Instituto de Ciências Biológicas, Departamento de Microbiologia, 2017.
- GODOY, A. R.; ADAMI, F. S. Estado nutricional e qualidade de vida em adultos e idosos com depressão. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 32, p.1-12, 2019.
- GOULART, S. L. A política das religiões ayahuasqueiras brasileiras: droga, religião e direitos. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, vol. 39, n. 2, p.200-221, 2019.
- GRUZINSKI, S. 1993. La colonización de lo imaginario. **Sociedades indígenas y occidentalización en el México español**. Siglos XVI-XVIII. México: FCE.
- Johnson, M. W., Richards, W. A., & Griffiths, R. R. (2008). Human hallucinogen research: guidelines for safety. **Journal of psychopharmacology (Oxford, England)**, 22(6), 603–620.
- LABATE, B. C. As encruzilhadas da imprensa: Uma análise da reportagem da Isto É sobre a ayahuasca. São Carlos, **Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar**, vol.1, n.2, jul.-dez, p.105-115, 2009.
- LABATE, B.C.; ARAÚJO, W.S. **O uso Ritual da Ayahuasca.** Mercado das Letras FAPESP, São Paulo, 2002.
- LABIGALINE, E.J. **O uso de Ayahuasca em um contexto religioso por ex-dependentes de álcool.** São Paulo, 1998, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Paulo/Escola Paulista de Medicina, área de concentração - Saúde Mental.
- LAVAZZA, H. Nación, Parentesco y Ritual en el culto brasileño del Santo Daime. **Sociedad y Religión**, v. 25, n. 44, p.62–89, out. 2015.
- MAGGIE, Y. **Medo do Feitiço: Relações entre Magia e Poder no Brasil.** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

MACRAE, E. **Guiado pela Lua: O Xamanismo e o uso ritualda Ayahuasca no culto do Santo Daime**. Brasiliense, São Paulo, 1992.

MARTINS, V. **Guerra às drogas e encarceramento em massa revelam racismo estrutural brasileiro**. Publicado em: 09 nov. 2017. Disponível em: <<https://almapreta.com/editorias/realidade/guerra-as-drogas-e-encarceramento-em-massa-revelam-racismo-brasileiro>>. Acesso em: 11 jan. 2021.

MELO, R. A união do vegetal e o transe mediúnico no Brasil. Rio de Janeiro, **Religião e Sociedade**, v. 31, n. 2, p. 130–153, 2011.

MERCANTE, M. Consciência, miração e cura na Barquinha. São Carlos, **Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar**, v.1, n.2, jul.-dez., p.116-138, 2009.

MINUANO, C. **A ayahuasca, do preconceito à criminalização**. Publicação em: 8 jan. 2017. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/revistas/2017/01/do-preconceito-a-criminalizacao-6598/>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

MONTENEGRO, G. A. O uso de psicotrópicos na América pré-colombiana a partir de uma perspectiva religiosa. **Ameríndia**, vol.2, n.2, p.1-13, 2006.

MORALES-GARCÍA, J. A.; REVENGA, M. de la F.; GIL, S. A.; FRANCO, M. I. R.; FEILDING, A.; CASTILLO, A.; RIBA, J. The alkaloids of *Banisteriopsis caapi*, the plant source of the Amazonian hallucinogen Ayahuasca, stimulate adult neurogenesis *in vitro*. **Scientific Reports**, v. 7, n. 1, p.1-13, 13 jul. 2017.

MORENO, F. A.; WIEGAND, C. B.; TAITANO, E. K.; DELGADO, P. L. Safety, tolerability, and efficacy of psilocybin in 9 patients with obsessive-compulsive disorder. **Journal of Clinical Psychiatry**, v. 67, n. 11, p. 1735–1740, 2006.

NOBRE DE MELO, A.L. **Psiquiatria. Guanabara**, Rio de Janeiro, 1981.

NUTT, D. J., KING, L. A., & NICHOLS, D. E. (2013). Effects of Schedule I drug laws on neuroscience research and treatment innovation. *Nature reviews. Neuroscience*, 14(8), 577–585.

PAVILLARD, S. L. **Los enteógenos y la ciencia**. Atualizado em jun. 2003. Disponível em: <[https://eprints.ucm.es/8059/1/SLP\\_Enteogenos\\_y\\_Ciencia.pdf](https://eprints.ucm.es/8059/1/SLP_Enteogenos_y_Ciencia.pdf)>. Acesso em: 15 jan. 2021.

RODRIGUES, T. Tráfico, Guerra, Proibição. In: LABATE, C.; GOULART, S.L.; FIORE, M. et al. (orgs.). **Drogas e Cultura: novas perspectivas**. Salvador: UFBA, 2008, p.91-104.

RUCK, C. A., et al. "Entheogens". **Journal of Psychedelic Drugs**, 2 (1-2), 1969.

SANTOS, R. G. dos. AYAHUASCA: neuroquímica e farmacologia. **SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em português)**, v. 3, n. 1, p.1-11, 2007.

SOUZA, J. L. B. **A psilocibina e o seu potencial terapêutico em saúde mental**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Curso de Enfermagem, Fortaleza, 2019.

SCHULTZ, M. **DMT – A molécula do espírito** [Documentário lançado em 2010]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VyuiSSq5x4>>. Acesso em: 11 jan. 2021.

STRERNBACH, H. - The Serotonin Syndrome. **Am J Psychiatry** 148(6):705-13, 1991.

STRERNBACH, H. The Serotonin Syndrome. **Am J Psychiatry**, 148(6):705-13, 1991.

TUPPER, K. W. Enteógenos e Inteligência Existencial: Plantas Mestres como Instrumentos Cognitivos. Rio de Janeiro, **Periferia**, v. 3, n. 2, jul.- dez., 2011.

WACQUANT, L. A penalização da miséria e o avanço do neoliberalismo. In: SANTANA, M. A.; RAMALHO, J. R. **Além da fábrica: trabalhadores, sindicatos e a questão social**. São Paulo: Boitempo, 2003, p.72-74.